

Orientação sexual: responsabilidades da escola e da família

RESUMO

Com a intenção de investir na prevenção, os Parâmetros Curriculares Nacionais trazem em seu texto a obrigatoriedade das escolas abordarem a “Orientação Sexual”, pois, constitui um tema transversal importante, visto que as crianças e adolescentes necessitam aprender a lidar com o próprio corpo. A importância do debate sobre o tema está vinculada ao crescente número de adolescentes grávidas e ao aumento de casos de Doenças Sexualmente Transmissíveis entre os jovens, que estão diretamente vinculados ao aumento dos índices de evasão e repetência escolar. Neste contexto, procurou-se investigar através da pesquisa de campo, o relacionamento de pais e filhos no âmbito da sexualidade, o modo como professores entendem o tema e as impressões deste público-alvo sobre a existência de tabus acerca da orientação sexual escolar e familiar, em duas escolas estaduais, com 150 adolescentes, 127 pais e 50 professores. Na opinião de 46,2% dos professores a falta de apoio dos pais interfere na abordagem do tema sexualidade no nível escolar. Notou-se que 66% dos docentes acreditam que não estão preparados para o esclarecimento de dúvidas dos alunos, e que 38% dos alunos responderam que procuram seus pais e responsáveis para sanar as dúvidas. Muitos adolescentes têm vergonha de conversar com os pais e, acabam permanecendo com as dúvidas. O problema é que os professores não abordam o tema por inúmeros fatores, como, por exemplo: vergonha e sensação de falta de embasamento teórico. Conclui-se que o tema sexualidade deva ser conduzido na comunidade escolar mediante o apoio familiar e uma efetiva capacitação docente.

PALAVRAS-CHAVE: sexualidade. tabu. relacionamento pai e filho. adolescência

Keila Rocumback Flose

arlete_pr@yahoo.com.br

Universidade de Santo Amaro
(UNISA), Santo Amaro, São Paulo,
Brasil.

Silvana Lígia Vincenzi

Universidade Tecnológica Federal do
Paraná (UTFPR), Medianeira, Paraná,
Brasil

Saraspathy Naidoo Terroso

Gama de Mendonça

Universidade Tecnológica Federal do
Paraná (UTFPR), Medianeira, Paraná,
Brasil

INTRODUÇÃO

Há um entendimento de que a adolescência é um período de transição entre a infância e a fase adulta, e permeado por grandes transformações e desenvolvimento intenso, com interferência na maturidade e formação, incitando à curiosidade e que podem repercutir sobre comportamentos de risco, comprometendo a saúde (SILVA, 2015).

Embora não se trate de um tema novo, a Orientação Sexual na escola ainda causa inúmeras discussões e diferentes posicionamentos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), criados em 1996, estabelecem uma referência curricular nacional e apresentam a inserção da orientação sexual como tema transversal (ALTMANN, 2003).

Com a intenção de investir na prevenção, os Parâmetros Curriculares Nacionais trazem em seu texto a obrigatoriedade das escolas abordarem a "Orientação Sexual", pois constitui um tema transversal importante, visto que as crianças e adolescentes necessitam aprender a lidar com o próprio corpo (PCN, 1998).

A Educação Sexual é uma importante maneira de prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis, da Gravidez Precoce e de comportamentos sexuais de risco. Segundo Ramiro et al., (2011), o fato dos adolescentes possuírem acesso à informações de maneira mais rápida, não garante que essas ideias estejam realmente corretas, o que pode levar à problemas na conduta sexual.

Atualmente, existe uma demanda social para a diminuição dos números de casos de doenças sexualmente transmissíveis, como a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids), por exemplo, e dos casos de gravidez na adolescência. Portanto, decidiu-se dividir as responsabilidades pela orientação sexual de crianças e adolescentes entre a família e a escola, pois, esta última seria um local "privilegiado" para a troca de informações e prevenção.

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2013), no Brasil, em 2012, dos quase 720 mil portadores de HIV, aproximadamente 236 mil (33%) apresentavam carga viral indetectável (inferior a 50 cópias por ml de sangue). Estimativas

recentes indicam que existem cerca de 718 mil pessoas vivendo com o HIV no Brasil. Dentre toda a população estudada, destaca-se o aumento da doença entre os jovens, passando de 0,09% para 0,12%.

Estimativas do Ministério da Saúde (BRASIL, 2013) indicam que no Brasil, a cada ano, cerca de 937.000 pessoas contraíam Sífilis; 1.541.800 adquiram Gonorreia; 1.967.200 se infectem com Clamídia; 640.900 adquiram Herpes genital; 685.400 contraíam HIV. Dentre essas doenças, a Sífilis é bastante perigosa quando infecta a gestante, pois, pode causar sequelas no bebê e, o HIV leva à Síndrome da Imunodeficiência Humana que ainda não tem cura.

A ONU divulgou em novembro de 2011 o relatório “Together we will end Aids”, que traz os últimos levantamentos da disseminação dos casos da doença no mundo. Segundo esse relatório, até o final de 2010 existiam cerca de 34 milhões de pessoas vivendo com Aids no mundo. Esses números são os maiores já registrados e, devem-se às melhorias e avanços nas terapias que garantem mais qualidade de vida para os portadores da doença (UNAIDS, 2012).

Pesquisas da Organização Mundial da Saúde mostram que grande parte dos adolescentes tem iniciado a vida sexual cada vez mais cedo, entre 12 e 17 anos. Portanto, esses jovens aumentam os índices de pessoas em grupo de risco para o desenvolvimento de Doenças Sexualmente Transmissíveis, tais como, o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). Bretas (2009) aponta que esse fato deve-se principalmente à liberação sexual, ao aumento da facilidade de contatos íntimos precoces, estímulos vindos dos meios de comunicação, e à falta de acesso à informação e debates sobre os temas ligados à sexualidade e anticoncepção.

Em sua pesquisa, Altmann (2009) percebeu a dificuldade que alguns alunos possuem em diferenciar termos como gravidez precoce e gravidez planejada, entre outros, o que demonstra falhas na orientação sexual familiar e escolar. Cabe ressaltar que, o amplo investimento público em projetos que envolvem a Orientação sexual escolar visa à inserção de valores embasados no planejamento familiar.

Fonseca et al., (2010), apontou em seu trabalho a dificuldade que os adolescentes possuem em conversar com os pais sobre o tema sexualidade, sendo que estes demonstraram constrangimento ao tratar do assunto, e medo

de que abordando a sexualidade, os filhos se sentiriam “preparados para iniciar a vida sexual”.

É interessante saber que a crença de que o fornecimento de Educação Sexual na escola incentiva o início sexual precoce ainda possui força entre pais e responsáveis (QUEEN, 2013). Porém, segundo o Ministério da Saúde, os pais e responsáveis ainda encontram barreiras para conversar sobre Sexualidade com os filhos, logo, a escola têm um papel importantíssimo de orientação que deve ser apoiado por todos os envolvidos.

Observa-se que as mulheres enfrentam uma realidade difícil em relação à sexualidade. Em seu livro, Tasker (1998) aborda o tema da ótica cinematográfica, onde o corpo da mulher é explorado visando o lucro. Fine e McClelland (2006) discutem sobre a importância da contribuição da visão moralista e das ideologias religiosas praticadas na sociedade atual, como dificultadores do acesso à informação das adolescentes. Tolman (1994) afirma que conforme a menina cresce, acaba enfrentando as pressões da sociedade para ser uma “boa menina” e, simplesmente reprimir seus sentimentos e desejos relacionados à sexualidade. Isso demonstra o nível de preconceito em relação à participação das meninas em discussões sobre o tema.

A nossa sociedade ainda possui uma visão extremamente machista, sendo que, os trabalhos citados acima exemplificam a realidade difícil enfrentada pelas mulheres.

Estudos do Nusex (Núcleo de Estudos da Sexualidade) da UNESP têm demonstrado que a maioria das crianças e adolescentes possui livre acesso a imagens e filmes pornográficos cada vez mais cedo, entre 11 e 13 anos. Dessa forma, a infância é encurtada e a visão sexual de crianças e adolescentes são corrompidas (RIBEIRO, 2014).

Nesses casos, se o jovem não possui outra fonte de informação sobre sexualidade, acaba acreditando que não precisa haver romantismo, pois, prefere seguir o ritual imposto pelos filmes pornográficos. Infelizmente, a sociedade é machista e hipócrita, sendo contra a orientação sexual escolar, porém, conhecendo a realidade sobre a iniciação sexual cada vez mais precoce dos jovens.

Na visão de muitos jovens, falar sobre sexualidade ainda é um tabu. Esse fato pode ser facilmente verificado nas aulas de Biologia, pois, os alunos só conseguem perguntar quando o professor utiliza meios mais lúdicos, como a “Caixa de dúvidas”, onde cada aluno tem a oportunidade de inserir seus questionamentos sem ser identificado (ARRUDA, 2011).

Nesse contexto, a escola deve permitir o diálogo e a troca de informações sobre sexualidade visando o rompimento dos “tabus” e preconceitos, sempre focando a saúde sexual de seus alunos. Essa instituição deve manter-se neutra e seus integrantes devem ser colaborativos entre si, para que o trabalho de orientação sexual seja realmente efetivo.

A importância de abordar esse tema em sala de aula foi percebida em diversos países, como Portugal, por exemplo, onde houve muita discussão sobre a problemática do aborto, sendo que, após a discussão tomar proporções gigantescas, decidiu-se em 1997 que a abordagem do tema sexualidade nas escolas seria obrigatória (RAMIRO, 2011).

É claro que a importância de abordar esse tema não está somente ligada a questões como o aborto. Existem outros temas interessantes para debate, tais como: reprodução sexuada e assexuada; transmissão de características genéticas; doenças sexualmente transmissíveis; métodos contraceptivos; sexo e saúde; entre outras.

O fato é que grande parte dos jovens tem muitas dúvidas sobre sexualidade. Alguns não conseguem perguntar para os pais e responsáveis por vergonha; outros preferem pesquisar na internet ou com amigos; enfim, a importância da abordagem desse tema na escola vai muito além de explicar como o corpo humano funciona, ou prevenir doenças. Ao discutir esse tema, o professor acaba derrubando as barreiras invisíveis do preconceito e, ajudando os alunos a quebrar seus próprios tabus pessoais.

O presente trabalho levou em consideração o crescente número de crianças e adolescentes grávidas e/ou com doenças sexualmente transmissíveis, abordando de maneira interdisciplinar a temática da orientação sexual, enquanto responsabilidade da escola e da família.

METODOLOGIA

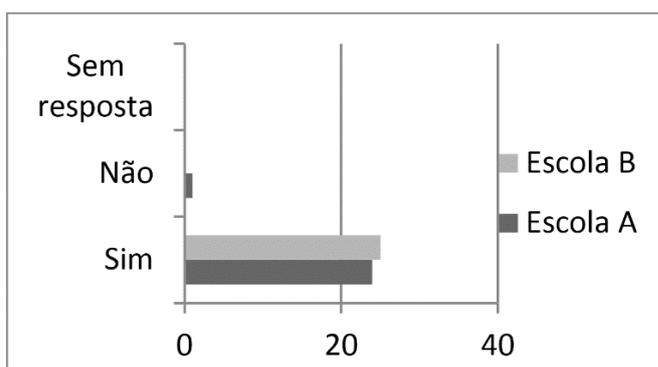
No estudo, resultante de um curso de Especialização no Ensino de Ciências (lato sensu), na Universidade Tecnológica Federal do Paraná-UTFPR, aplicou-se a Pesquisa de Campo, onde foram ouvidos 127 pais e responsáveis de alunos, 50 professores de Ciências e Biologia e 150 alunos na faixa etária de 11 a 17 anos, em duas escolas estaduais localizadas no município de Embu-Guaçu/ São Paulo, durante quatro meses e identificadas como Escola A e Escola B. Seguiu-se a hipótese de que falar sobre Orientação Sexual nas escolas ainda é um “tabu” para muitos pais e responsáveis, alunos e professores. Houve o encaminhamento deste projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UTFPR, devido sendo o mesmo aprovado sob o parecer de número 829.314 de 09/10/2014, seguindo-se desta maneira todos os procedimentos de acordo com a Resolução 466/2012, para assegurar o bem-estar dos participantes da pesquisa bem como o sigilo quanto à sua identidade.

A pesquisa foi conduzida em quatro etapas, sendo a primeira constituída de coleta de informações mediante a utilização de um recurso lúdico denominado de “Caixa de dúvidas” seguindo a metodologia de Arruda (2011), na qual os alunos depositaram seus questionamentos sobre o tema sexualidade, e de uma aula diferenciada explicativa sobre métodos contraceptivos. Em um segundo momento, foi aplicado o questionário sobre sexualidade para os alunos do Ensino Médio. A terceira etapa foi realizada com professores das disciplinas de Biologia, Filosofia, Sociologia, Língua Portuguesa, Matemática, Inglês, Geografia e História, aplicando-se um questionário sobre a atuação interdisciplinar na abordagem deste tema Transversal. A quarta fase foi realizada com os pais e responsáveis de alunos, por meio de questionário, enfocando as categorias: *a relação da crença religiosa com a sexualidade; *o relacionamento entre pais e filhos; *a troca de informações entre pais e filhos; * as dificuldades e facilidades que os pais encontram ao falar desse tema com os filhos, não sendo necessária a identificação. A análise de dados foi realizada por meio da estatística descritiva e teste de comparação de proporções para amostras independentes, utilizando para o nível de significância 5% (NETO, 2002).

RESULTADOS

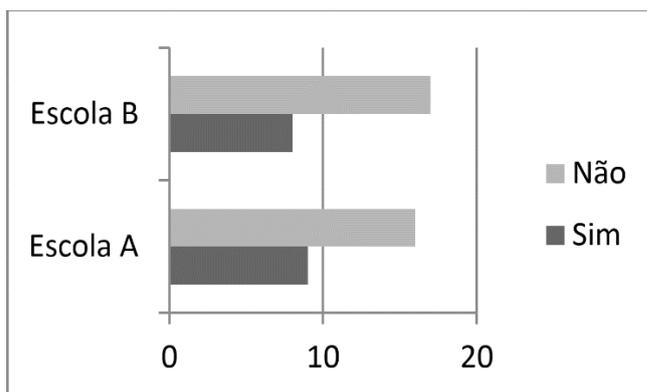
Analisando-se os dados coletados dos professores, percebeu-se que a grande maioria (98%), acredita que é importante abordar o tema sexualidade na escola (Figura 1), não havendo diferença significativa entre as escolas pesquisadas ($p=0,3124$). Quando o assunto é preparação para sanar dúvidas, 66% dos docentes acreditam que não estão preparados (Figura 2). Ambos os resultados foram similares nas escolas A e B.

Figura 1. Importância da Orientação Sexual na escola para os professores



Fonte: do autor

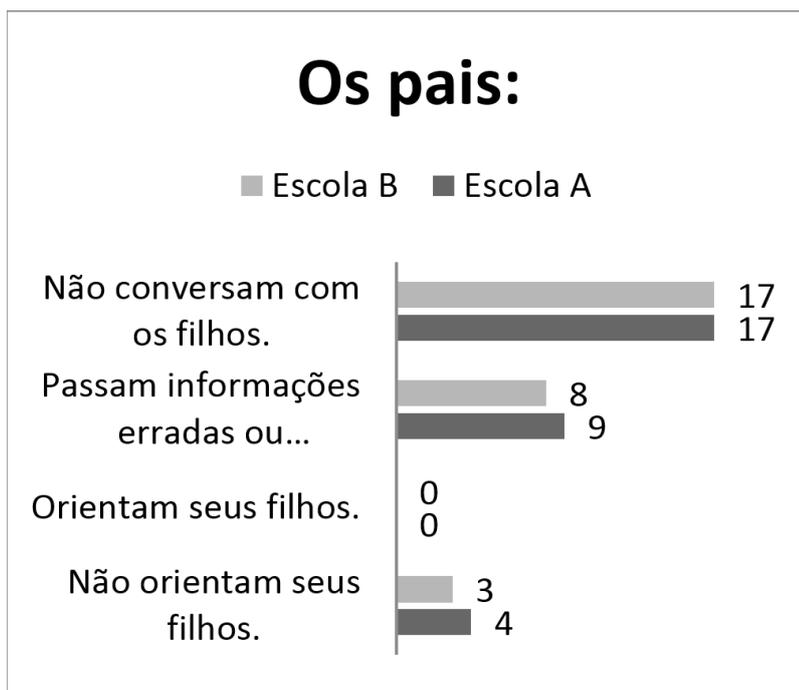
Figura 2. Preparação dos professores para esclarecer dúvidas.



Fonte: do autor

Quando questionados sobre a visão que possuem em relação à orientação sexual familiar, 68% dos professores responderam que os pais não conversam abertamente com seus filhos; 34% acreditam que os pais respondem as dúvidas dos filhos com informações erradas ou incompletas e 14% acreditam que os pais não orientam os filhos. Esse cenário é visualizado na Figura 3. Não houve diferença significativa entre as escolas ($p>0,05$).

Figura 3. Como agem os pais na opinião dos professores.



Fonte: do autor

A falta de apoio dos pais e responsáveis é, para 46,2% dos professores, a maior barreira para a abordagem da Orientação Sexual na escola, e na sequência, 23,1% dos professores participantes da pesquisa afirmam que não gostam de abordar o tema; 15,4% não trabalham esse tema em suas aulas; 7,7% reclamam da falta de apoio da gestão escolar e 7,7% preferiram não responder a essa pergunta.

Tolman (2005) aborda em seu livro a realidade do tema quando se fala de gênero sexual. Frequentemente a prevenção, sexualidade, e educação voltada para o tema não existe para meninas, o que demonstra a reprodução do machismo predominante e do preconceito contra o gênero feminino.

Os pesquisadores Gonçalves, Faleiros e Malafaia (2013) afirmam que para os pais, é mais cômodo não abordar o tema, pois, dessa maneira, é como se seus filhos fossem “assexuados”. Apesar de a sociedade apresentar muitos avanços em relação à abordagem da sexualidade, esse tema ainda permanece extremamente ligado ao universo adulto, sendo que, quando o professor inicia uma abordagem, muitos pais posicionam-se contra.

A Figura 4 apresenta as Fotos (A, B,C e D), referentes à construção e aplicação da Dinâmica em sala de aula denominada “ Caixa de Dúvidas”. Durante o período da pesquisa, os alunos puderam inserir seus questionamentos sobre sexualidade dentro das caixas sem identificar-se. Posteriormente, as caixas foram abertas e as dúvidas debatidas com os alunos.

Figura 4. Fotos sobre a Dinâmica “Caixa de Dúvidas”, nas escolas A e B.



(A) Caixa de dúvidas – escola A



(B) Caixa de dúvidas - escola B



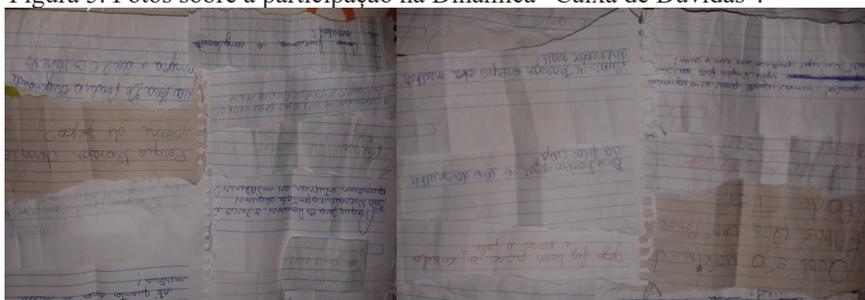
(C) Caixa de dúvidas – escola B



(D) Caixa de dúvidas – escola B

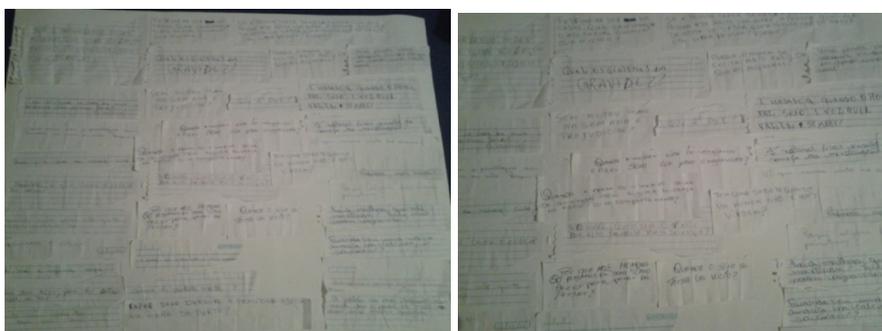
A Figura 5 ilustra a participação dos alunos das escolas A e B, onde tiveram a oportunidade de manifestarem suas dúvidas e anseios sobre o tema Sexualidade, sem se identificarem, preservando a sua identidade, e também mantendo o sigilo de seus questionamentos e curiosidades a respeito do tema abordado em sala de aula.

Figura 5. Fotos sobre a participação na Dinâmica “Caixa de Dúvidas”.



(A) Dúvida dos alunos da escola A

(B) Dúvida dos alunos da escola A



(C) Dúvida dos alunos da escola B

(D) Dúvida dos alunos da escola B

DISCUSSÃO

Dentre as competências da família, está a educação sexual, considerada a peça-chave na formação da identidade de gênero e no desempenho dos papéis sexuais dos filhos. A família é quem fornece ao adolescente, as primeiras noções sobre o que é adequado, ou não, por meio de gestos, expressões, recomendações e proibições, mesmo que não haja um diálogo aberto (JARDIM E BRETAS, 2006).

Rosenthal e Feldman (1999) abordam a importância da comunicação entre pais e filhos sobre vinte temas envolvidos com a sexualidade. Porém, os pais que conversam com os filhos, acabam falando apenas sobre o desenvolvimento social e sexo seguro. As discussões de outros aspectos do sexo acabam sendo reprimidos.

A pesquisa confirma ainda que, os professores reclamam da falta de apoio da escola, sendo que, na instituição A, a grande maioria deles preferiu não responder se a escola os apoiava. Por outro lado, na escola B a grande maioria dos professores respondeu que possuem apoio para desenvolver o tema.

Quando questionados sobre as metodologias utilizadas, para abordar o tema, 30,5% dos professores participantes preferiram não responder; 30,5% dos professores utilizam a condução de debates; 20,3% utilizam a Aula expositiva; 12% utilizam filmes e documentários; 6,7% atividades lúdicas, como dinâmicas, por exemplo.

Holanda et al., (2010) ao questionar professores sobre a Orientação Sexual, perceberam que a abordagem desse tema é, na maioria das vezes, realizada de forma sutil e simples, priorizando o diálogo aberto e, partindo das dúvidas e aflições dos alunos. Muitos professores afirmam que não preparam aulas, pois, preocupam-se com as necessidades individuais de cada aluno.

A grande maioria dos alunos prontificou-se a responder o questionário e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido, sem maiores problemas, desses, 41,3% eram do sexo masculino e 58,7% do sexo feminino.

Ao serem questionados sobre as fontes pesquisadas, quando surgem dúvidas sobre sexualidade, 38% dos alunos responderam que procuram seus pais e responsáveis; 21% procuram amigos; 15% fazem buscas na internet; 22% sanam as dúvidas com seus professores; 4% preferiram não responder (Figura 7).

De acordo com os resultados, pode-se perceber que há certa diferença entre os alunos de ambas as comunidades escolares, principalmente, quando se analisa as fontes mais utilizadas para esclarecerem suas dúvidas.

Quando o assunto é a elucidação de dúvidas, observou-se que 50% afirmaram que os professores esclarecem as suas dúvidas raramente; 33% afirmaram que estes sempre elucidam as suas dúvidas; 11% dos alunos afirmaram que esses profissionais não sanam as dúvidas; e 6% preferiram não responder.

Apesar de 47,6% dos entrevistados demonstrarem uma grande vontade de conversar com os pais e responsáveis; 54% deles preferem conversar sobre sexualidade com seus amigos; 25,3% conversam com os pais e responsáveis; 7,3% com algum outro familiar; 12,3% com seus professores e 1,1% preferiram não responder.

Almeida et al., (2011) explica a existência de diversas razões pelas quais os filhos preferem não iniciar a conversa sobre sexualidade com os pais, dentre os fatores pontuados estão à vergonha em questioná-los e a falta de tempo dos pais. Nesses casos, os adolescentes recorrem aos amigos para elucidar dúvidas e conversar sobre sexualidade, porém, sabe-se que essa solução pode levar o adolescente a situações de risco.

Foram entrevistados 127 pais e responsáveis das instituições A e B, sendo que, ao se questionar os pais sobre a importância da abordagem da escola sobre o tema, 87% concordam que é muito importante que a escola trabalhe com esse tema para orientar crianças e adolescentes; 8% acreditam que esse trabalho não é importante; 3% acreditam que a abordagem desse tema pela escola incentiva o início precoce da vida sexual; 1% é expressamente contra a Orientação Sexual na escola e 1% não respondeu à pergunta.

Embora 87% dos pais julgarem o trabalho da escola importante, muitos pais evidenciaram ser contra a existência desse tema na instituição escolar. Gonçalves, Faleiros e Malafaia (2013) explicam que, normalmente, os pais posicionam-se contra a abordagem escolar do tema por medo do início precoce da vida sexual dos filhos.

Apesar de 61% dos pais e responsáveis afirmarem que têm conversas frequentes sobre o tema com seus filhos, 32% disseram que os filhos não perguntam sobre esse tipo de assunto; 31% afirmaram que conversam bastante com os filhos; 30% disseram que têm conversas frequentes com os filhos; 6% não responderam e, 1% não orientam os filhos em casa, pois, acreditam que é dever da escola.

Questionou-se sobre quais providências os pais tomam quando não conseguem esclarecer alguma dúvida dos filhos, e notou-se que 49% pesquisam em outras fontes; 22% procuram ajuda de um médico; 19% preferiram não responder; 8% não sanam a dúvida; 2% conversam com o professor do filho.

Na opinião de alguns pais o tema Sexualidade ainda é um tabu, sendo que, 34% afirmaram que se sentem constrangidos ao abordar o assunto; 23% não conseguem sanar todas as dúvidas dos filhos; 13% não gostam de falar do assunto com os filhos; 13% possuem outros motivos, tais como: dificuldades para conversar com filhos do sexo masculino e, a falta de questionamento dos filhos

adolescentes; 12% não responderam; 4% acreditam que falta informação sobre o assunto.

A Dinâmica denominada “Caixa de Dúvidas” possibilitou aos adolescentes uma participação efetiva, uma vez que viabilizou o anonimato e sigilo quanto à sua identificação e segundo Piaget (1978), para uma contribuição pedagógica é necessário criar situações para o desenvolvimento da autonomia e ações favoráveis à troca de opiniões e sugestões sobre situações abordadas durante a atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observarem-se as expectativas constantes nas “Caixas de dúvidas” desenvolvidas com os alunos em sala de aula, durante o projeto, consegue-se perceber claramente que, muitas dúvidas são extremamente simples, englobando temáticas relativas às Doenças Sexualmente Transmissíveis; sintomas de gravidez; pílula anticoncepcional; dentre outras.

Alguns questionamentos surpreenderam, principalmente, por se tratarem de dúvidas muito ingênuas, normalmente, difundidas nas mídias. Perguntas como “o que é DST?”, “Como não contrair a AIDS?” e “O que é HIV?” apareceram nas “Caixas de dúvidas” diversas vezes, sendo que, acabam chocando, pois, percebe-se que, assim como Ramiro et al., (2011) indicou em seu trabalho, o excesso de informações a que esses jovens estão expostos, não garante a qualidade das mesmas, levando a problemas relacionados à sexualidade.

Ainda em pleno século XXI, os jovens ainda têm dúvidas relacionadas à prevenção da transmissão de doenças tão conhecidas no mundo. Alguns chegam até a questionar sobre o significado da sigla HIV. Além disso, é interessante perceber que, apesar dos professores afirmarem que trabalham com a “Orientação sexual”, grande parte dos estudantes afirmam que estes não sanam suas dúvidas, e em muitos casos, os alunos os julgam despreparados para isso.

Outro ponto conflitante da pesquisa está nas fontes investigadas pelos alunos para elucidar dúvidas, mesmo afirmando no início da pesquisa que se sentem a vontade para conversar com seus pais sobre o tema, estes afirmaram que preferem conversar com seus amigos ou realizar pesquisas na internet.

Apesar dos pais afirmarem que não enfrentam problemas para abordar o tema com seus filhos, que conseguem explicar todas as suas dúvidas, e que não acreditam que a abordagem do tema pela escola seja realmente necessária, observou-se que a maioria destes não gosta de falar sobre sexualidade e que há certo constrangimento ao abordar o assunto.

Os dados encontrados neste estudo, corroboram a afirmação de Fonseca et al., (2010), sobre o fato de que os adolescentes têm dificuldades para conversar sobre sexualidade com os pais.

Percebe-se na análise das respostas de professores, pais e alunos, que ainda existe uma série de preconceitos ligados à abordagem da “Orientação Sexual” realizada nas escolas públicas, sendo que, em parte, pode-se explicar essa situação pela falta de abordagem que a maioria dos pais teve na sua adolescência.

Os pais não conseguem perceber que a maioria dos adolescentes não questiona sobre sexualidade em casa, pois, sentem-se constrangidos e preferem buscar respostas para suas dúvidas e inquietações com amigos, na internet ou com professores.

Alguns adolescentes demonstram-se constrangidos ao abordar o tema, quando questionados sobre as razões desse comportamento, as respostas indicam situações de repressão sexual. Esses adolescentes indicam que a sexualidade é algo “obsceno”, “pornográfico” ou mesmo um tema “podre” que não deveria ser abordado pela escola. Esses comportamentos evidenciam que algumas famílias repreendem os impulsos sexuais, a curiosidade e interesse dos filhos, utilizando-se da religião ou de castigos e recriminações verbais e/ou físicas.

Portanto, por meio do trabalho de pesquisa realizado nas instituições de ensino públicas A e B, nota-se a desestruturação da família, e a falta de diálogo aberto com os filhos, onde, os pais acreditam que tudo está bem, pois não há questionamentos, logo, não possuem dúvidas ou não pensam em ter relações sexuais. Há necessidade de uma abordagem sobre o tema sexualidade nas escolas com o apoio familiar e uma efetiva capacitação docente.

Sexual orientation: school and family's responsibilities

ABSTRACT

With the intention of investing in prevention, the National Curricular Parameters bring in the text the obligation of schools to address the "Sexual Orientation", as it is an important transversal theme, since children and adolescents need to learn to deal with their own bodies. The importance of the debate on this topic is linked to the growing number of pregnant adolescents and to the increase in cases of Sexually Transmitted Diseases among young people, which are directly linked to the increase in school dropout and repetition rates. In this context, we sought to investigate through the field research, the relationship of parents and children in the scope of sexuality, how teachers understand the theme and the impressions of this target audience on the existence of taboos about school and family sexual orientation, in two state schools, with 150 adolescents, 127 parents and 50 teachers. In the opinion of 46.2% of the teachers, the lack of parental support interferes with the approach to sexuality at the school level. It was noted that 66% of the teachers believe that they are not prepared for the clarification of the students' doubts, and that 38% of the students answered that they seek their parents and caretakers to solve the doubts. Many teens are ashamed to talk to their parents and end up with doubts. The problem is that teachers do not approach the subject because of a number of factors, such as: shame and lack of theoretical basis. It is concluded that the topic sexuality should be conducted in the school community through family support and effective teacher training.

KEYWORDS: sexuality. taboo. father and son relationship. adolescence

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos Pagu**, n.21, p.281-315, 2003.

ALTMANN, H. **Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção**. Caderno de Pesquisa, v. 39, n. 136, p.175-200, jan/abr. 2009.

ARRUDA, S. et al. **Adolescentes, jovens e educação em sexualidade – Um guia para ação**. Instituto Promundo. 2011.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim Epidemiológico – Aids e DST**. Ano II – nº1. Dezembro de 2013, 68 páginas.

BRÊTAS, J. R. et al. Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis: subsídios para prevenção. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.22, n.6, p. 786-792, 2009.

FINE, M.; MCCLELLAND, S. I. The politics of teen women's sexuality: public policy and the adolescent female body. **Emory Law Journal**, v. 56, p.993-1038, 2006.

FONSECA, A.D.; GOMES, V. L. O; TEIXEIRA, K.C. Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual realizada por acadêmicos (as) de enfermagem. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, n.14, v. 2, p.330-337, 2010.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **HOLOS**, ano 29, v. 5, 2013.

HOLANDA, M. L.; FROTA, M. A.; MACHADO, M. F.; VIEIRA, N. F. O papel do professor na educação sexual de adolescentes. **Cogitare Enfermagem**, v.15, n.4, p. 702-708, 2010.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **Orientação Sexual**. São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

JARDIM, D. P.; BRÊTAS, J. R. S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira. **Revista Brasileira Infere**, v.59, n.2, p.157-162, 2006.

NETO, P. L. de O. C. **Estatística**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Blucher, 2002.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança-imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Falar Editores, 1978.

QUEEN, M. **Como a escola deve falar de sexo?** Revista Educar para Crescer – Abril – p.9. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/educacao-sexual>. Acesso em: 11 jan. 2014.

RAMIRO, L.; REIS, M.; MATOS, M. G.; DINIZ, J. A.; SIMÕES, C. Educação sexual, conhecimentos, crenças, atitudes e comportamentos nos adolescentes. **Revista Portuguesa de Saúde**, v. 29, n.1, p. 11-21, 2011.

ROSENTHAL, D. A.; FELDMAN, S. S. The importance of importance: adolescents' perceptions of parental communication about sexuality. **Journal of Adolescence**, v. 22, p.835-851, 1999.

RIBEIRO, P.R. M. NUSEX – Núcleo de Estudos da Sexualidade/UNESP. Disponível em: <http://www.unesp.br/>. 2014; Acessado em: 21/06/2014.

SILVA, R. **Educar em Revista**, n. 57, p. 221-238, jul./set. 2015

TASKER, YVONNE. **WORKING GIRLS – Gender and sexuality in popular cinema**. Routledge; 1998.

TOLMAN; DEBORAH L. **Doing desire: adolescent girl's struggles for/with sexuality**; 1994.

UNAIDS, ONU. **Together we will end Aids**. 2012; 140 páginas. Disponível em: <http://www.unaids.org/en/media/unaids/contentassets/documents/epidemiology/2012>

Acesso em: 12/05/2014 às 11h30min.

Recebido: 25 mar. 2017

Aprovado: 24 nov. 2017

DOI:

Como citar: FLOSE, K. R.; VINCENZI, S. L.; GAMA DE MENDONÇA, S. T. N. Orientação sexual: responsabilidades da escola e da família. R. Eletr. Cient. Inov. Tecnol, Medianeira, v.8. n.17 2017. E – 4374. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/recit>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

